



O QUE A VALE NÃO DIZ...
PÁG. 2

A IMPORTÂNCIA DA SERRA DO GANDARELA.
Pág. 3



PROJETO APOLO: A ameaça está de volta, maquiada de “novo conceito”

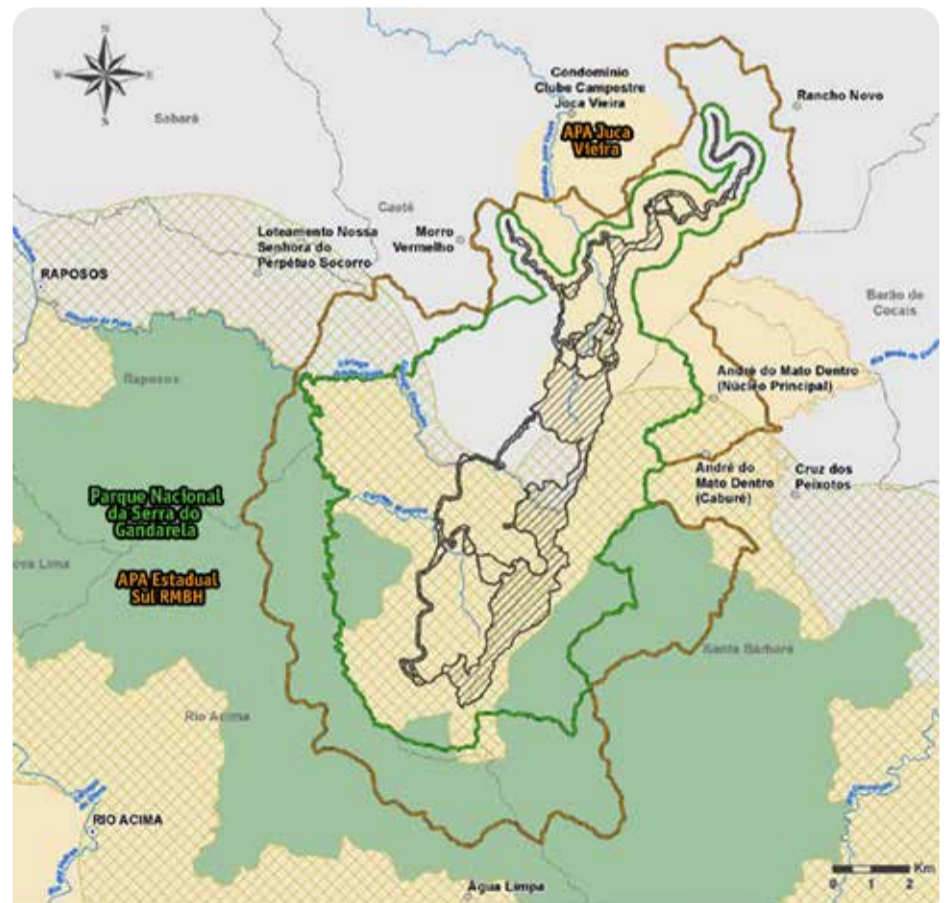


A ameaça à única serra intacta no Quadrilátero Ferrífero-Aquífero, onde fica Belo Horizonte e sua Região Metropolitana e onde moram quase 5 milhões de habitantes, está de volta. É a mesma há 17 anos: a ganância da Vale.

Em plena crise climática, com possibilidade de escassez ou colapso no acesso a água devido a alterações no regime de chuvas, e também pelo risco de centenas de barragens de rejeitos e pilhas que podem romper com chuvas intensas e concentradas, como no Rio Grande do Sul, a Vale só vê na Serra do Gandarela mais uma montanha de lucro a ser explodida, triturada e exportada nos vagões do trem.

A Vale, que se anuncia como de grande responsabilidade socioambiental, já tem uma grande dívida com esse território e sua população, ainda mais depois do rompimento das barragens de rejeitos em Mariana (2015) e Brumadinho (2019).

O projeto Apolo de destruição da Serra do Gandarela volta maquiado de “novo conceito”, mas os impactos previstos ao meio ambiente, população, potencial turístico regional e Parque Nacional da Serra do Gandarela continuam enormes.



Unidades de Conservação
Proteção Integral
Uso Sustentável
Zona de Amortecimento do Parque Nacional da Serra do Gandarela

Projeto Apolo Unidade Natural
AEL - Área de Estudo Local
AER - Área de Estudo Regional

Sede Municipal
Localidade
Rede Hidrográfica
Limite Municipal

Conheça o “novo conceito” da Vale no Projeto Apolo:

1. Transformar a deslumbrante Serra do Gandarela num imenso buraco (7 km de cava com 422 hectares), com cerca de 250 metros de profundidade, com água no fundo que não se pode beber ou banhar. Precisamente na zona aquífera mais rica de águas subterrâneas de alta qualidade (chamada de aquífero Cauê).

2. Interferir com o potencial turístico regional e a conservação da biodiversidade e promover restrições ao lazer nos atrativos naturais na região da Serra do Gandarela, como cachoeiras, trilhas de ciclistas e caminhantes e mirantes que a população e visitantes usam.

3. Causar impactos ao Parque Nacional da Serra do Gandarela (águas, biodiversidade e beleza paisagística) e prejudicar a visita.

4. Destruir a intacta e maior reserva hídrica de águas subterrâneas no Quadrilátero Ferrífero-Aquífero, no alto das bacias hidrográficas do Rio das Velhas (São Francisco) e Rio Piracicaba (Doce), de onde brotam dezenas de belas cachoeiras e que verte muitas águas com qualidade que abastecem comunidades do entorno, chegam ao rio das Velhas antes e depois da captação da Copasa em Nova Lima e que podem contribuir em muito com a produção de água para Belo Horizonte e Região Metropolitana.

5. Fazer rebaixamento de lençol freático desde o primeiro ano de operação e causar o secamento de nascentes, a redução de vazões nas bacias do ribeirão da Prata, ribeirão Preto, córrego São João e córrego Maria Casimira e interferir nas vazões no Parque Nacional da Serra do Gandarela.

6. Colocar 2 gigantescas pilhas de estéril/rejeito para armazenar um total de 230 milhões de m³ de estéril/rejeito,

com altura de 239 m e 294 m (prédios com 68 e 84 andares) e área de 53 e 215 hectares, com diques para conter sedimentos que precisam estar no Cadastro Nacional de Barragens de Mineração e têm manchas de inundação já previstas.

7. Sobrecarregar com tráfego intenso e pesado Raposos (sede urbana e comunidades da estrada para Morro Vermelho), Rio Acima (sede urbana e Água Limpa), Caeté (sede urbana, Rancho Novo, Morro Vermelho e Rancho Novo), Santa Bárbara (André do Mato Dentro e Cruz dos Peixotos), Barão de Cocais e Sabará.

8. Acabar com as estradas de ligação entre Morro Vermelho e André do Mato Dentro e entre essa comunidade rural de Santa Bárbara e Rio Acima, usadas também para visita do Parque Nacional da Serra do Gandarela.

9. Colocar em risco e se apropriar do valioso bem cultural que é a paleotoca, toca de preguiças gigantes da “era do gelo” (extintos na Terra há mais de 10 mil anos), que fica bem no alto da Serra do Gandarela?

10. Suprimir 1.054 hectares do bioma Mata Atlântica e dispersar poeira, ruído e vibração nas comunidades e no Parque Nacional.

11. Alterar o fluxo migratório, as relações sociais construídas, os níveis de segurança e conforto da população, a demanda por serviços e equipamentos públicos (em especial saúde e habitação) e a dinâmica do patrimônio cultural nas comunidades da Área de Influência Direta.

12. Prostituição adulta e infantil, gravidez precoce e insegurança pública em Morro Vermelho, sede urbana de Caeté e distrito de Rancho Novo.

O que a Vale não diz...

A Vale divulga muito que não vai ter barragem de rejeitos e, por isso, o Projeto Apolo é seguro. Mas seguro não é, porque estão previstas 2 gigantescas pilhas de estéril/sedimentos drenados que também podem desmoronar como uma barragem, que serão cadastradas como estruturas do Plano Nacional de Segurança de Barragens e que têm manchas de inundação previstas.

Anuncia também que não vai usar água no beneficiamento de minério. Mas omite que o Projeto Apolo pretende destruir o enorme aquífero que é a Serra do Gandarela. Retirando as “cangas” do alto (área de recarga) e colocando em pilhas porque não interessa para exportar. E dinamitando a camada do minério de ferro, que fica abaixo, onde está a água subterrânea de qualidade, como uma caixa de água.



O aumento de chuvas e concentração numa área, provocam alagamentos, inundações, transbordamentos de barragens e deslizamentos de encostas devido à erosão. Também provocam a instabilidade de barragens e pilhas de rejeito e estéril da mineração, porque os vertedouros dessas estruturas não foram calculados para chuvas tão intensas. Em janeiro de 2022 uma pilha de estéril/rejeitos da Mina Pau Branco da Vallourec em Nova Lima desmoronou e o dique que ficava abaixo, para segurar os sedimentos, transbordou. Carros foram carregados pela lama e a BR-040 ficou interditada por 2 dias.

A importância da Serra do Gandarela



A Serra do Gandarela, em Minas Gerais/Brasil, na Cordilheira do Espinhaço e no coração do Quadrilátero Ferrífero-Aquífero, localizada nos municípios de Caeté, Santa Bárbara, Raposos e Rio Acima, tem extrema relevância ambiental, reconhecida assim por diversos estudos

Sua beleza espetacular abriga, a poucos quilômetros de Belo Horizonte, milhares de nascentes, dezenas de belas cachoeiras, o maior aquífero profundo intacto da região, águas de qualidade, a segunda

maior área contínua de Mata Atlântica em Minas Gerais, uma vegetação exuberante, riqueza de biodiversidade (fauna e flora endêmicas e em extinção), alta qualidade do ar, mais de uma centena de cavernas, incluindo pelo menos uma paleotoca (utilizada por animais da megafauna pré-histórica, extinta há mais de 10 mil anos) e um importante patrimônio cultural e arqueológico nas comunidades do entorno.

Por isso, na região foi criado em 2014 o Parque Nacional, resultado de grande

mobilização da sociedade civil que requereu em 2009 a sua criação. Infelizmente, parte da Serra do Gandarela não está protegida pela Unidade de Conservação federal devido à pressão da Vale S.A. e aliados da mineração, e ficou de fora dos limites a área com mais singularidades e de maior relevância hídrica, importante para as bacias dos rios das Velhas (São Francisco) e Piracicaba (Doce) e para a produção de água para Belo Horizonte e sua Região Metropolitana.



Paulo Baptista



Robson de Oliveira



Eduardo Dias Gontijo



Webert Nascimento



Alice Okawara

Mudanças climáticas Quantas tragédias serão necessárias?

Quantas tragédias como as do Rio Grande do Sul serão necessárias para tomarmos consciência da gravidade das mudanças climáticas, com eventos extremos em vários lugares do Brasil e do mundo? Da extrema necessidade de preservar as áreas ainda intocadas do meio ambiente e, ao mesmo tempo, mudar nosso modo de viver?

As mudanças climáticas, com o aquecimento global, já são muito nítidas e não podem ser negadas, mas precisam gerar urgentemente mudanças de práticas econômicas, sociais, empresariais e de gestão

pública. Precisamos reduzir e, até mesmo, eliminar o uso de combustíveis fósseis, as queimadas, o desmatamento, a destruição das áreas de recarga, aquíferos e nascentes de água, o lixo, a poluição e o consumo exagerado.

No passado, mudanças climáticas resultaram em grandes e rápidas extinções de espécies e isso já está ocorrendo em nosso planeta novamente. A espécie humana não está isenta desse risco.

Há 10 mil anos um processo natural de mudança climática aqueceu a Terra e pôs fim à Era do Gelo. Muitas

espécies de animais foram extintas nessa época, incluindo as preguiças gigantes, os mamutes, os tigres de dente de sabre e outros.

A preguiça gigante pode ser tomada, assim, como um exemplo e um lembrete do que pode ocorrer com todos nós caso tenhamos preguiça de mudar nosso modo de viver e de defender os ambientes naturais ainda preservados, que nos fornecem bens preciosos como a água e o ar puro e fresco. E também de cobrar das autoridades do executivo, legislativo e judiciário que façam o seu papel e não o contrário.



PREGUIÇA GIGANTE (PALEOZOO BRASIL)



PROPOSTA DA VALE

**Precisamos escolher: Água ou minério?
Vegetação ou deserto? Natureza preservada para todos
ou lucros para os acionistas das mineradoras?
Nós escolhemos defender a Serra do Gandarela. E você?**

Projeto Apolo (Processo nº 4977/2021)

Cava
Pilhas, diques e sumps
Ramal ferroviário (8,2km)
Pêra Ferroviária
Usina de beneficiamento
TCLD
Alojamento (480 pessoas)
Depósito de explosivos
Estradas internas e externas
Demais estruturas

ADA: 1.367,93 hectares

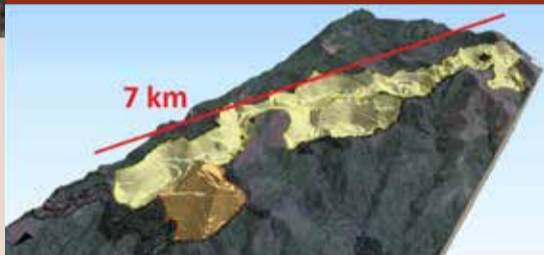
Sondagem geotécnica e pesquisa mineral do Projeto Apolo (Processo nº 3781/2022)

281 praças de sondagem geotécnica
133 praças de sondagem geológica
Dois canteiros de obras
6 áreas de estoque de material lenhoso
6 áreas de depósito de material excedente

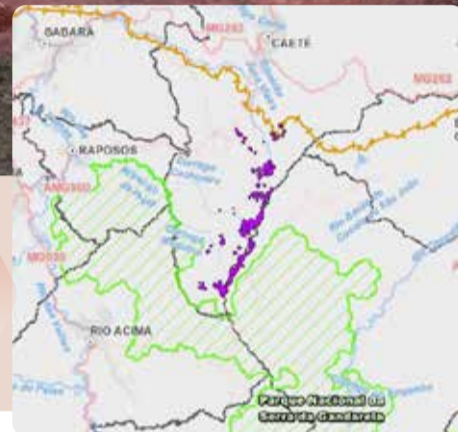
ADA: 58,78 hectares



PROJETO APOLO UMIDADE NATURAL - CAVA FINAL



ÁREAS EM VIOLETA SÃO DA ADA DO PROCESSO Nº 3781/22



Você precisa saber que a Vale:

É uma empresa que não paga em dia os impostos. No final de 2021 tinha uma dívida de 14 bilhões de reais só de CFEM, ICMS, PIS, COFINS e multas.

Cobrança pública da Vale S/A completa um ano, sem nada acontecer:

“Há um ano, no dia 24 de agosto de 2022, a AMIG e os municípios credores iniciaram uma campanha nacional para dar visibilidade pública ao impacto negativo causado aos cofres públicos pela dívida da Vale S/A, em função do não recolhimento devido da Compensação Financeira pela Exploração Mineral (CFEM). E, até agora, a Vale não se mexeu.

Os gestores municipais reclamam que a empresa age como se fosse a proprietária dos territórios

minerados e segue impune em relação à recusa em pagar a CFEM. [...]

A dívida que a mineradora Vale S/A insiste em não pagar é antiga. [...] “É uma dívida que foi apurada de 1996 a 2005, ou seja, daqui a dois anos, ela vai completar 30 anos”, afirma o consultor. “Fomos à Vale inúmeras vezes para dialogar. A justiça derrotou por 13 vezes em primeira instância e uma vez em segunda instância a tese que a Vale defende para não pagar o royalty da mineração. [...]

Fonte: Site da AMIG



Compra minério de ferro de “mini-minas”, de empresas que geralmente operam sem o correto controle ambiental, muitas delas através de contratos de uso de áreas da Vale. Faz isso como uma estratégia para minerar sem parecer que é ela, antes de conseguir licença para depois unir os vários pequenos projetos em um complexo minerário grande. Isso está acontecendo em volta do Parque Nacional da Serra do Gandarela.

Com o Projeto Apolo

“O cenário com o empreendimento promoverá restrições relacionadas aos atrativos naturais do entorno da ADA, como cachoeiras e quedas d’águas, que são utilizadas atualmente para lazer.” (RIMA 2021, página 215).

Ficamos sem a Serra do Gandarela, sem o maior aquífero de águas de qualidade no Quadrilátero Ferrífero-Aquífero, sem o potencial

turístico regional e sem a reserva hídrica para Belo Horizonte e Região Metropolitana.

Encurralados e adoecidos pelos impactos e num beco sem saída, reféns da mineração, como está Itabira hoje, com graves problemas de falta de água e nenhuma perspectiva de futuro com outras atividades econômicas.

Sem o Projeto Apolo

Ficamos com um lugar incrível para turismo de lazer, ecológico e de aventura junto com o Parque Nacional, associados ao rico patrimônio natural, histórico e cultural dos municípios do entorno, com expressivas manifestações religiosas e populares, e também à agricultura orgânica e apicultura, para gerar muito mais empregos permanentes e diversificados, que tendem a aumentar, ao contrário dos empregos temporários trazidos pela mineração, a maior parte com baixos salários, terceirizados e de risco.

“O contexto ambiental da região é marcado pela ocorrência de um número representativo de cachoeiras, algumas delas de uso regional reconhecido. Considera-se que no cenário sem o empreendimento essa dinâmica de uso deverá ser incrementada, visto a tendência de busca pelos espaços naturais e esportes de aventura observados na atualidade, bem como pela existência do PARNA da Serra do Gandarela, que contribui para difundir a imagem da exuberância ecológica da região, bem como a garantia de manutenção das características naturais de uma paisagem de grande relevância ao interesse social”. (RIMA 2021, página 215)



GLOSSÁRIO

ADA – Área Diretamente Afetada
AMIG – Associação dos Municípios Mineradores de Minas Gerais e do Brasil
CFEM – Compensação Financeira pela Exploração Mineral
COFINS – Contribuição para Financiamento da Seguridade Social

ICMS – Imposto sobre Operações relativas à Circulação de Mercadorias
PARNA – Parque Nacional
PIS – Programa de Integração Social
RIMA – Relatório de Impacto Ambiental
TCLD – Transportadora de Correia de Longa Distância

Movimento pela Preservação da Serra do Gandarela



Site: aguasdogandarela.org.br
Instagram: @salvegandarela